

ALÉM DA ÓBVIA, EXISTIRÁ OUTRA QUÍMICA QUE A COMPLEMENTA, NEM QUE SEJA PELA ATRACÇÃO OU PELA REACÇÃO ÀS COISAS MAIS PROSAICAS E MUNDANAS DA VIDA



Maria José Calhorda

**P**rofessora Catedrática da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e coordenadora do Centro de Química e Bioquímica (CQB) da Universidade de Lisboa. Actualmente é Presidente da Sociedade Portuguesa de Química.

Os seus interesses científicos estendem-se dos projectos de natureza computacional aos de natureza experimental. Nos primeiros incluem-se estudos de sistemas inorgânicos, em particular de mecanismos de reacções em Química Organometálica e Catálise, de propriedades de complexos e sólidos (luminescência, transições de spin, potenciais redox, parâmetros de espectroscopia de Mössbauer, RMN e IV), de interacções entre moléculas biologicamente activas e modelos do ADN, usando métodos da Química Quântica. Os projectos experimentais baseiam-se na síntese e caracterização de novos complexos inorgânicos para diversas aplicações, desde estudos de actividade biológica, a catalisadores homogéneos e heterogéneos (por imobilização em sólidos porosos, como argilas e derivados de MCM-41 ou em líquidos iónicos), a complexos com transições de spin.

## ENTREVISTA

**Quais os livros, músicas, filmes e lugares da sua preferência ou que mais a marcaram até hoje?**

Livros: muitos, muitos, muitos... Foram variando ao longo da vida, desde *A Ilha Misteriosa* de Júlio Verne nos tempos da primária, pela recriação da civilização a partir do conhecimento científico (e tecnológico!), ao fascínio de *A La Recherche du Temps Perdu*, umas décadas mais tarde, e ao de *Moby Dick*, num registo tão diferente e igualmente tão maravilhoso, *O Jogo das Contas de Vidro*, sem esquecer os livros portugueses em que, para além do texto, o “som” da língua teve para mim um papel muito relevante (Virgílio Ferreira, Eça de Queiroz na fase final, Saramago no *Ano da Morte de Ricardo Reis*, por exemplo). E Álvaro de Campos (O binómio de Newton é tão belo como a Vénus

de Milo./O que há é pouca gente para dar por isso.)... e podiam ser dezenas e dezenas de muitos outros.

As músicas não me marcaram tanto e cada vez mais gosto do silêncio, mas consigo escolher entre as músicas “a levar para a ilha deserta” algumas sonatas de Beethoven para violino e piano (*Primavera*), *A Paixão segundo S. João* de Bach e Mahler (*A Canção da Terra*). O filme não é *O Silêncio*... Quando penso num filme, é *Amarcord* de Fellini. Os lugares preferidos têm o mar: a nossa costa atlântica, em particular a Marginal de Lisboa a Cascais – sempre um prazer para os olhos, com sol, com chuva, com tempestade, a baía de Pemba no norte de Moçambique, o primeiro lugar longínquo onde estive nas férias dos 15 anos mas também, longe do mar e ainda mais longe de Lisboa, o Grand Canyon e Angkor.

**No dia-a-dia costuma utilizar objectos funcionais ou prefere a interacção com os complexos?**

Prefiro os objectos funcionais porque me deixam mais tempo para o resto, mas aprecio os desafios postos pelos outros.

**Existe algum aspecto da sua vida quotidiana para a qual a energia de activação é elevada? Que tipo de mecanismos utiliza para diminuí-la?**

Fazer telefonemas... A passagem do tempo! O correio electrónico e os SMSs foram as alternativas naturais...

**Consegue, na prática, ter tempos livres suficientes ou é só em teoria? Como os costuma ocupar?**

Não sei se são ou não suficientes! Se forem muito longos perdem o seu carácter. Com excepção de períodos curtos (e excepcionais) há sempre um tempinho livre para ler umas páginas de um livro, que nunca nos trata mal, a menos que o dicionário caia do alto da estante.

**Para lá da actividade científica, a que situações da vida é que gostaria de aplicar os seguintes termos: catalisar, calcular, reagir, imobilizar, publicar.**

Catalisar as manifestações de boa vontade, calcular o sucesso de cada decisão, reagir às pressões, imobilizar o tempo, publicar...

**Se a sua vida desse uma peça de teatro, de que género seria ou que gostaria que fosse?**

Pensando nas perspectivas que havia nos anos cinquenta, diria que um conto de fadas, claro que cheio de bruxas más... e algum vilão!

**Estarão os portugueses cientes que a Química contribui decisivamente para a satisfação das necessidades da sociedade moderna? Que visão acha que tem a sociedade portuguesa da Química?**

Penso que não estão de modo nenhum cientes do papel da Química. A Química é vista através das consequências menos felizes e não de tudo aquilo de que desfrutamos nos tempos actuais. Faço um esforço permanente junto de família, amigos e conhecidos para desmistificar essa visão e evidenciar os aspectos positivos, ou seja, “as maravilhas da Química”.

Paulo Mendes  
pjgm@uevora.pt